

**DIFERENÇAS ENTRE CIÊNCIAS SOCIAIS E CIÊNCIAS DA NATUREZA
(BASEADO NA OBRA “RELATIVIZANDO” DE ROBERTO DAMATTA)**

SOCIEDADE, CULTURA E NATUREZA, ESALQ/USP
PROF. PAULO E. MORUZZI MARQUES

LETÍCIA M. BACCARIN

Nº USP: 8967480

Com contribuições dos grupos e do professor, aqui também da turma do primeiro semestre de 2016

PIRACICABA, 2016

Considerada pelo autor como uma perspectiva de chegar à alma da Antropologia Social, a obra “Relativizando” consiste em uma leitura do mundo do ponto de vista de Roberto DaMatta, construído a partir de uma grande bagagem de estudos sociais. Oferece pistas para compreender a sociedade cuja natureza é complexa e passível de ser analisada sob diversas óticas.

A obra sugere que as diferenças entre as pessoas (culturais, sociais, religiosas) devem ser tratadas com tolerância, sem um olhar de superioridade ou inferioridade. Assim, as criações da humanidade, nascidas de um emaranhado de complexas relações sociais, representam uma fonte ampla de conhecimento em torno das experiências humanas.

Nesta perspectiva, a Antropologia Social estuda o que ainda é pouco (ou não é) conhecido na nossa sociedade. O reconhecimento de nossa ignorância permite aprender com as trocas igualitárias de experiências humanas, tornando claro que o conhecimento sobre si mesmo é variado, infinito na sua profundidade e grandeza.

O autor trata dos modelos sociais evolutivos como uma concepção inadequada, uma vez que considera o avanço tecnológico como critério de evolução, legitimando ideologias europeias e norte americanas de dominação social. A teoria da evolução de Charles Darwin influenciou este tipo de olhar para a sociedade. De fato, as ideias sobre sociedades humanas evoluídas e primitiva ou superiores e inferiores foram mobilizadas para legitimar interesses imperialistas e expansionistas nos séculos passados.

Neste quadro, as reais (r)evoluções antropológicas constituíram-se no olhar favorável ao entendimento entre os homens e nas diversas faces dos relacionamentos sociais, para a busca do conhecimento humanizado dos “outros” como meio de compreensão de nós próprios. Logo, constitui-se uma comparação antropológica fundada na “humildade, renúncia, generosidade e tolerância”, nas palavras do autor. Nesse sentido, o teor da antropologia associa-se ao processo constante de familiarizar o exótico, o tornar conhecido, transpondo o exótico ao familiar, o que seria a missão do conhecimento antropológico.

A fim de obter uma melhor compreensão da Antropologia Social é necessário distinguir as ciências da natureza das ciências da sociedade. As primeiras, de modo mais amplo, constituem o estudo de eventos que se sucedem de forma sistêmica, sendo passíveis de serem isolados e reproduzidos em situações laboratoriais. Trata-se de eventos que se repetem inúmeras vezes podendo atender às condições requeridas por seus observadores. Desta forma, testes de determinada teoria podem ser realizado por dois observadores, mesmo que não estejam no mesmo local e não partilharem das mesmas perspectivas, conduzindo a uma objetividade característica das ciências naturais.

Por outro lado, as ciências sociais estudam eventos complexos, cujas causas e as motivações são múltiplas. Logo, seu estudo se dirige a fenômenos de difícil determinação, podendo mudar de sentido de acordo com o ambiente, sujeitos, relações circunstanciais do momento. Portanto, visto que os eventos estudados ocorreram muitas vezes no passado envolvendo pessoas que não são passíveis de isolamento, não existe possibilidade de reprodução em situações laboratoriais controladas. Eventualmente, os eventos sociais podem ser observados, a exemplo de uma festa de aniversário ou uma reunião de um conselho municipal de meio-

ambiente. Essa singularidade de cada evento estudado até permite recriações superficiais, mas não reproduções fiéis. De fato, os eventos sociais possuem “sobredeterminações”, ou seja uma peculiaridade única provocada por seus inúmeros fatores de determinação. Esta noção auxilia a caracterização da Antropologia Social.

Segundo Damatta, os resultados dos estudos dos cientistas sociais raras vezes são convertidos em tecnologias, sendo observados no campo das artes, em romances e peças teatrais. No entanto, os debates em sala de aula apontaram para um grande leque de aplicações dos conhecimentos sociais, muito além do campo artístico (nas políticas públicas, organizações sociais, entre outros). A ideia mesmo de tecnologia social pode ser lembrada aqui. Trata-se de abandonar uma perspectiva tecnocrática para incorporar aspectos culturais, sociais e políticos à discussão em torno dos estilos de desenvolvimento (Dagnino, 1976).

Salienta-se ainda que a principal característica das ciências sociais é estudar eventos inerentes aos acontecimentos humanos. Nesse sentido, nas ciências sociais o investigador (sujeito) e o investigado (objeto) situam-se em um mesmo plano, sendo que compartilham de uma mesma natureza humana, diferenciando-se apenas em seus modos de viver, organização social e realidade. Este limiar tênue entre sujeito e objeto é muito diferente das ciências naturais. Por exemplo, a relação entre um cientista natural e um vírus estudado por ele pode de fato ser caracterizada em termos de sujeito e objeto de estudo: não há diálogo possível entre eles. No caso do cientista social, ele faz parte do universo humano, reinterpretando eventos sociais e se realimentando dos pontos de vista dos atores envolvidos nos fenômenos sociais estudados.

No campo das ciências naturais existe uma separação muito clara entre o sujeito e o objeto. O exemplo do estudo de baleias é bastante revelador, pois é impossível conhecer o mundo interior das baleias. Nesse mesmo sentido, o conhecimento sobre as baleias jamais será utilizado pelas próprias baleias para alterar seus comportamentos.

No âmbito da comparação antropológica, DaMatta destaca a questão da percepção dos nossos próprios costumes a partir da observação dos costumes de outras pessoas ou grupos sociais. A questão é exemplificada pelo método de se atribuir nomes nas tribos Apinayé e Timbira. Nestas tribos, os nomes indicam relações sociais, respeitando uma linha genealógica em que não são os pais que escolhem o nome de seus filhos. Em nossa sociedade, os nomes individualizam o ser, tornando-o exclusivo e diferenciado em relação às outras pessoas, mas ligando-o a uma família.

Segundo DaMatta, diferentemente das ciências naturais, nas ciências sociais, é possível discutir a questão estudada com os próprios “objetos de estudo”. Quer dizer que ao teorizar sobre o sistema de nomeação das tribos mencionadas, é possível dialogar sobre as interpretações do pesquisador social junto à própria sociedade tribal, o que permite enriquecer o conhecimento sobre o problema, ao mesmo tempo que favorece um olhar mais profundo sobre nossa própria cultura. Verifica-se, pois, um diálogo entre as interpretações internas das tribos sobre seu sistema de nomeação e as interpretações externas dos estudiosos sobre o mesmo sistema. Neste ponto, é possível considerar uma abordagem dialética associando universal e específico ou saber interno e externo com vistas a construção fecunda de conhecimento social.

O estudioso da antropologia social, considerando-se no mesmo plano das sociedades estudadas, nega utilizar os modelos evolucionistas tradicionais, que separam as sociedades em escalas de progresso e atraso. Este modo de pensar levou à concepção de que o ideal de civilização permitiria aos povos considerados desenvolvidos o direito de se sobrepor aqueles considerados primitivos. Portanto, ao primar pela relativização dos processos sociais, a Antropologia Social sugere uma igualdade entre os povos, bem como a superação do preconceito e das relações de superioridade pré-estabelecidas, valorizando a discussão fundamentada e justa.

As contribuições da turma de Sociedade, Cultura e Natureza do primeiro semestre de 2016 para aprimorar este texto focalizaram essencialmente quatro pontos. Em primeiro lugar, Roberto DaMatta ao comparar ciências sociais e ciências naturais leva a pensar que as primeiras são mais complexas, mais profundas ou mais importantes para a humanidade. Porém, podemos considerar que ambas são importantes e complexas. Nesta perspectiva, o crescimento de estudos interdisciplinares seria desejável para permitir uma produção do conhecimento com horizontes mais amplos. De fato, a complexidade das ciências sociais em relação às ciências naturais pode ser reconhecida na interação profunda entre “sujeito” e “objeto”, fruto do diálogo possível entre

pesquisador e aqueles que são atores dos fenômenos investigados. Em segundo lugar, é este diálogo que permite pensar na qualidade de reinterprete do cientista social, pois uma pré-interpretação do fenômeno social estudado existe entre aqueles que o vivenciam. Em terceiro lugar, foi enfatizado que cada sociedade humana é um espelho onde a nossa própria existência se reflete, com o qual o homem pode se conhecer mais profundamente, o que pode levá-lo a modificar seu comportamento e hábitos. Nesta ordem de ideias, a antropologia defendida por DaMatta nega as teorias evolucionistas plenas de olhar preconceituoso. Enfim, o papel da antropologia de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico foi lembrado, o que é realizado com metodologias comparativas que levam a pensar em distanciamento antropológico que permite reconhecer características de nossas sociedades quase imperceptíveis de outro modo.

Referências bibliográficas

DAGNINO, Renato (1976), Tecnologia apropriada: uma alternativa? Dissertação (mestrado) Brasília: UnB, Departamento de Economia.